AGRIBUSINESS ARGENTINO

Contramarchas nos pampas

Em plena fase de comercialização, os argentinos experimentam um momento sombrio na temporada 1998/99

Luiz Antônio Pinazza e Regis Alimandro

Depois de um período exultante vivido entre as safras 1990/91 e 1997/98, com crescimento inusitado de quase 90% em volume, paira uma camada de inquietação sobre o setor argentino de cereais e oleaginosas. Em plena fase de comercialização, os agricultores experimentam um momento sombrio, de singular preocupação, na temporada 1998/99. Essa situação crítica também se estende aos negócios tradicionais da pecuária: enquanto a atividade leiteira encontra crescentes dificuldades para exportar sua produção excedente para o Brasil, a retração na oferta se abate na bovinocultura de corte, em função da fase de recomposição do rebanho no país.

É, de fato, um quadro de radical reversão de contexto. Segundo Agroanalysis v. 18 n.6, a agropecuária dos pampas era, exemplarmente, exaltada como uma ilha de prosperidade na América do Sul. Isso assevera um aspecto intrigante dessa era de economia global, na qual a alternância de conjunturas positivas e negativas ocorre rapidamente. O agribusiness, por sua vez, não escapa dos efeitos provocados pela flutuação do dólar e das bolsas, da entrada e saída de recursos externos, da oscilação dos juros e do comportamento de outras variáveis que abalam os mercados de capitais e financeiros.

Nesse cenário, o número de insatisfeitos engrossa a cada dia. Em cima do governo recai a acusação de falta de iniciativa, diante da inocuidade das medidas tomadas para debelar a crise do setor. Entre 18 e 22 de abril último, as principais lideranças rurais levaram a cabo uma paralisação integral das lides do campo, com cortes no abastecimento do mercado interno. O movimento foi um sucesso e contou com o apoio das quatro principais entidades setoriais do país – a Confederaciones Rurales Argentinas (CRA), a Federation Agraria Argentina (FAA), a Sociedad Rural Argentina (SRA) e a Coninagro.

Do ponto de vista histórico, o incidente se destaca pelo fato de essas quatro centrais jamais terem anteriormente defendido em conjunto reivindicações setoriais. A força da adesão foi tal que apenas 5% das transações continuaram no fluxo considerado de normalidade. Não fossem os estoques formados antecipadamente por supermercados e frigoríficos, o público consumidor sentiria mais intensamente a menor disponibilidade de alimentos. Não obstante, embora isso tenha minimizado a repercussão do acontecimento, atos dessa natureza poderão se repetir a qualquer momento.

Na verdade, o ambiente em curso arma uma complexa arapuca para a economia rural da Argentina. Nos últimos anos, o patamar de investimento anual rondava os US$9 bilhões. Isso significava uma aposta ambiciosa de crescimento em cima da perspectiva de que os ventos continuariam a favor: aumento da renda *per capita*, mercado

Participação % do Brasil nas exportações da Argentina

Azeitona	94
Cebola	92
Lácteos	80
Algodão	76
Feijão-preto	71
Alho	69
Farinha de trigo	65
Arroz	60
Trigo duro	46
Peras	43
Filé de merluza congelado	41
Maçãs	36
Outros filés de peixe	32
Fumo *burley*	22
Óleo de girassol	20
Couro curtido	16
Carne bovina fresca sem osso	16
Pescado congelado	10
Feijão branco	8
Carne bovina fresca sem osso	7
Fumo virgínia	6
Milho	5
Óleo de soja	3

Fonte: Sociedade Rural Argentina.

Argentina: operações de crédito rural

Banco	*Valor*	*Participação %*	*A*	*B*
Banco Nación	2.415.615.000	39,13	12,50	14,37
Bancos Provinciales	1.190.062.000	19,28	15,00	17,25
Outros	2.566.846.000	41,59	17,00	19,50
Total	6.172.523.000	100,00	-	-

Posição: 30.06.98

A – juros antes do imposto

B – juros depois do imposto

Fonte: Sociedade Rural Argentina.

Argentina: vendas de máquinas e insumos agrícolas

Ano	*Fertilizantes (1.000t)*	*Defensivos (US$ milhões)*	*Irrigantes (unidades)*	*Tratores (unidades)*	*Colheitadeiras (unidades)*
1991	300	285,60	nd	3.400	760
1992	516	336,50	nd	4.871	415
1993	600	406,00	97	4.875	344
1994	900	521,50	188	6.393	1.011
1995	1.100	626,10	137	4.615	662
1996	1.650	791,80	391	7.720	1.276
1997	1.600	924,70	Nd	7.601	1.162
1998 *	1.400	830,00	Nd	5.925	1.156

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación.

(*) Preliminar.

externo comprador e preços internacionais em alta.

O cenário mudou. Internamente, além da recessão do mercado, a queda de 30% nas cotações do petróleo não se refletiu no custo do óleo combustível, um insumo com peso significativo no orçamento do produtor. Isso descontenta e tira o humor do produtor.

Do lado externo, por seu turno, tomou força a previsão de agigantamento dos estoques mundiais em face da queda dos preços nos produtos primários em quase 25% nas bolsas durante o último ano. Nesses momentos, o Primeiro Mundo costuma jorrar mais subsídios para segurar a renda dos seus agricultores e criar vantagens artificiais para competir no mercado de exportação. A concorrência fica desigual e prejudica as nações agroexportadoras, como a Argentina. Para piorar, a desvalorização do real a partir do último 13 de janeiro joga um balde de água fria sobre as transações com o Brasil.

No exercício de 1998, os embarques de produtos agrícolas argentinos para o território brasileiro somaram US$1,8 bilhão, aproximadamente 22,5% do total. Obstruído esse caminho, a saída passa agora pela busca de novos mercados, com estratégias envolvendo a participação em feiras internacionais e missões comerciais. O objetivo imediato é atomizar o destino das exportações. A abertura econômica empreendida pelo país nos anos 90 ajudará nesse sentido: as praças externas cresceram de 130 países, em 1985, para 175 no ano passado, sendo que, simultaneamente, ampliou-se o leque de produtos.

A safra 1998/99 de cereais e oleaginosas

A agricultura argentina presenciou sensações diferentes ao longo da safra 1998/99. No princípio, vigorava o clima de otimismo, diante de dois fatos: a produção recorde de 68,1 milhões de toneladas recém-colhida e o repique dos preços na pecuária de corte. Em seguida, a realidade mudou repentinamente: os preços das *commodities* nas bolsas internacionais, antes remuneradores, declinaram continuamente; chuvas em excesso provocaram a inundação de 1,5 milhão de hectares na região de planície, causando quebra de safra no montante estimado de US$500 milhões.

Em termos de tamanho, a safra 1998/99 deverá ficar 17% inferior ao nível recorde obtido pela anterior. De qualquer modo, os números ainda estão sujeitos a novos ajustes, a ponto de o governo ter adiado por diversas vezes a divulgação da previsão da produção. O país é o terceiro exportador de grãos no mundo e seu desempenho na produção sensibiliza os mercados mundiais. Quanto à área plantada, no agregado, houve estabilidade: o plantio de grãos envolveu 13,45 milhões de hectares e o das oleaginosas 11,2 milhões de hectares.

Muitos agricultores diminuíram o cultivo de milho e trigo, em favor do plantio da soja, cuja comercialização tem maior liquidez, devido à forte procura pelas empresas esmagadoras da leguminosa.

Com todo esse imprevisto agourento, uma recente decisão do governo culminou em provocar outro impacto negativo sobre o setor: aumentou a alíquota do imposto sobre as operações de crédito rural. As projeções são de que a decisão aumentará em mais US$142 milhões os custos dos financiamentos. A conseqüência imediata da medida levará a um maior comprometimento do quadro de inadimplência das carteiras, situado em 20%.

Em que pese ao desagravo da classe produtora, a política tributária tem sido implacável com o produtor em outros instrumentos. O governo emprega artimanhas inesgotáveis para fechar o déficit fiscal de US$3,5 bilhões.

Em recente medida tomada para reduzir a taxa do imposto sobre o valor agregado (IVA) em 50%, o Parlamento autorizou o Executivo a aplicar a sua incidência somente na primeira comercialização das mercadorias: na venda dos produtos primários, o recolhimento do produtor ficou sendo de 10,5%,enquanto os fabricantes de insumos e máquinas recolhem 21%. A cadeia ficou desbalanceada em termos de retenção de crédito fiscal, com a agricultura deixando de recuperar cerca de US$2 bilhões.

Portanto, não é simplesmente à toa que quando se pesam os custos e benefícios a certeza do momento não é nada agradável. A expectativa predominante é de queda na renda durante a comercialização da safra. As seqüelas naturalmente irão refletir de forma negativa e direta no plantio da próxima. As vendas de máquinas e equipamentos, que estão sofrendo enorme baixa neste ano, são os indicativos incontestáveis dessa tendência. Para os analistas de primeira hora, precaução e caldo de galinha não devem faltar quando forem traçados os cenários para a temporada 1999/2000.

Comercialização de insumos e máquinas

1. Fertilizantes e defensivos

A comercialização de insumos ocorreu de forma lenta ao largo do ano. Esse ritmo refletiu o comportamento cauteloso do produtor. Embora a importação de fertilizantes (930 mil toneladas) e defensivos tenha fica-

Explosivo e rápido

A superfície dedicada ao cultivo da soja transgênica na Argentina apresentou constante aumento nesta década. Se confirmada a área prevista para a safra 1998/99, o incremento terá sido de 5,5%, de 7,176 para 7,573 milhões de hectares, considerando-se apenas a variação entre as duas últimas safras.

Já o emprego da soja transgênica em escala comercial começou na safra 97/98, com uma área plantada de 1,4 milhão de hectares, responsável por uma produção de 3,5 milhões de toneladas. Para a safra 1998/99, apesar de estimar-se inicialmente que chegaria a 40% do cultivo total, as novas previsões apontam para 74%. Um crescimento explosivo e rápido.

Nos sistemas de produção convencionais, a soja é conhecida pela sua escassa habilidade para competir com plantas daninhas. Sendo bastante suscetível a doenças e pragas, exige-se um controle rigoroso e planificado na aplicação de defensivos. A argumentação é de que na produção com semente transgênica – a soja resistente ao glifosato – simplifica-se e reduz-se o emprego de herbicidas. Segundo dados do Inase, já há 34 cultivares transgênicos inscritos no órgão.

Na comercialização interna da soja não tem sido feita nenhuma exigência quanto a sua origem: se de cultivo tradicional ou de sementes transgênicas. Os grãos são simplesmente misturados. Com respeito ao comércio exterior, apesar de alguns países da União Européia terem manifestado a intenção de adquirir somente produto etiquetado, até o final do mês de maio tal exigência não havia ocorrido.

Argentina: vendas de defensivos – US$ 1.000

Produto	*1988*	*1989*	*1990*	*1991*	*1992*	*1993*	*1994*	*1995*	*1996*	*1997*
Herbicida	168,3	161,2	172,2	192,4	230,3	292,6	375,0	448,1	545,5	634,7
Inseticida	52,8	58,3	54,6	60,4	67,5	69,8	96,3	115,5	154,1	179,0
Fungicida	18,9	171,0	20,2	24,5	28,8	33,5	37,4	44,6	64,7	83,3
Outros	5,9	5,8	5,7	8,3	9,9	10,1	12,8	17,9	27,4	27,7
Total	245,9	242,4	252,7	285,6	336,5	406,0	521,5	626,1	791,8	924,7

Fonte: Casafe.

Argentina: números da pecuária de corte

Ano	*Rebanho (1)*	*Abate (2)*	*Produção (3)*	*Consumo per capita (4)*	*Exportação (5)*	*Exportação (6)*
1.991	52.452	12.345	2.607	67,9	411.289	777.570
1.992	53.011	11.712	2.487	66,4	296.407	622.140
1.993	52.555	11.895	2.509	66,9	280.455	613.670
1.994	53.157	11.880	2.473	63,1	376.187	785.210
1.995	52.648	11.576	2.449	56,4	516.580	1.070.170
1.996	50.830	11.453	2.380	55,7	464.421	894.070
1.997	50.059	10.565	2.260	53,4	431.300	804.600
1.998	nd	nd	2.036	53,0	278.200	612.300

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación e Usda.

Observação: (1) e (2) em 1.000 cabeças; (3) em mil toneladas; (4) em quilo/habitante/ano; (5) em t; (6) em US$1.000.

Argentina: números da suinocultura

Ano	*Rebanho (1)*	*Abate (2)*	*Produção (3)*	*Consumo per capita (4)*	*Exportação (5)*	*Exportação (6)*
1.991	2.700	1.680	145.297	4,6	533	7.497
1.992	2.950	1.850	159.693	5,7	107	29.678
1.993	3.350	2.080	179.918	6,2	3.364	33.303
1.994	3.400	2.120	183.278	6,0	10.540	33.169
1.995	3.000	2.250	207.395	6,4	11.369	26.593
1.996	2.220	1.910	176.000	6,8	5.737	48.707
1.997	Nd	2.340	215.800	6,0	1.670	57.418
1.998	Nd	2.800	259.000	7,2	2.006	71.198

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación e Usda.

Observação: (1) e (2); em 1.000 cabeças; (3), (5) e (6) em toneladas; (4) em quilo/habitante/ano.

Argentina: números da avicultura

Ano	*Abate* (1)	*Produção* (2)	*Consumo* per capita (3)	*Exportação* (4)	*Importação* (5)
1.991	173.242	389.790	11,9	nd	nd
1.992	233.127	553.680	17,8	nd	nd
1.993	256.536	663.990	21,0	nd	nd
1.994	266.659	677.390	21,3	7.996	52.180
1.995	290.146	742.790	21,9	10.874	19.600
1.996	280.662	724.070	21,3	13.207	28.510
1.997	295.709	762.890	22,2	22.200	46.239
1.998	334.000	886.000	25,2	28.000	64.000

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación

Obs.: (1) em mil cabeças; (2) em mil toneladas de carne de aves; (3) em quilo/habitante/ano de carne de aves; (4) e (5) em toneladas de carne de aves.

do no mesmo nível registrado em 1997, as vendas foram mais fracas.

A redução na área plantada com trigo e milho foi a principal causa do menor consumo. A expansão do plantio de girassol e soja não compensou a queda.

A expectativa de uma fraca rentabilidade na comercialização foi outro motivo que desestimulou o produtor a investir em tecnologia. A crescente aplicação de adubo tem sido de suma importância para os ganhos de produtividade registrados nas últimas colheitas. Por sua vez, o uso da soja transgênica e a disseminação do plantio direto causaram maior procura para determinado grupo específico de defensivos.

2. Tratores e colheitadeiras

Durante o primeiro semestre de 1998 as vendas de máquinas e colheitadeiras foram praticamente idênticas às do exercício anterior. A quantidade de tratores vendidos foi de 3.175 em 1997, apenas 30 unidades acima da do exercício de 1998. Nas colheitadeiras foram computadas 858 unidades vendidas, contra 702 no ano anterior.

Quando se observa o desempenho anual, a retração nas vendas de tratores alcança 22%, que é quase totalmente explicada pela pior *performance* no segundo semestre, o que revela a deterioração do ambiente conjuntural. Já no segmento das colheitadeiras, a variação não foi significativa. Em 1998 foram vendidas seis unidades a menos do que no ano anterior.

Mercado de carnes

A pecuária bovina argentina representa bem mais do que um importante segmento econômico do país. Ocupa espaço significativo no imaginário coletivo da nação. A carne bovina, além de hábito alimentar profundamente arraigado, é reconhecida como um dos símbolos nacionais.

Não obstante nos últimos anos o consumo *per capita* do produto, ainda que alto, vem sofrendo um certo declínio, por dois motivos fundamentais: o primeiro, pela concorrência da avicultura e suinocultura, que ganham espaço na preferência do consumidor; o segundo, em decorrência da menor oferta, que acarretou aumento nos preços internos que ficaram 50% acima da média histórica de US$0,70 a US$0,80.

Para entender a delicada situação dos pecuaristas cabem alguns reparos e esclarecimentos especiais. Lá, todos os esforços se dirigem prioritariamente para não comprometer ainda mais a disponibilidade de

Argentina: participação das empresas na compra de matéria-prima

Empresas	Participação %
Sancor	23
Mastellone & Hermanos	13
Milkaut	8
Nestlé	8
Wiliner	8
Parmalat	3
Lactona	1
Gandara	1
Outros	35

Fonte: Centro da Indústria Leiteira.

Argentina: números da pecuária de leite

Ano	*Produção (1)*	*Importação (2)*	*Exportação (3)*	*Consumo* per capita (4)
1993	7.002	301	306	207,1
1994	7.007	391	527	223,6
1995	8.507	227	1.094	219,7
1996	8.625	208	1.143	218,2
1997	8.711	200	958	222,5
1998	9.146	200	1.163	225,9
1999	9.787	200	1.565	229,2
2000	10.472	200	1.658	230
2005	12.060	200	1.890	230
2010	13.320	200	2.066	230

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación

Observação: (1) e (3) em milhões de litros; (2) em mil toneladas; (4) em litros/habitante/ano.

carne bovina no futuro. Isso significa que a taxa de abate de matrizes não pode ficar nos níveis do primeiro qüinqüênio desta década. Frente a tal realidade, a atividade de produção é forçada a recompor os seus rebanhos. Esse processo vai até o segundo semestre e passa invariavelmente pela retenção das matrizes que normalmente seriam enviadas para abate.

Nos negócios de exportação, o seu recrudescimento é esperado para meados do ano 2000, quando o gado atingir o patamar de qualidade sanitária requerido pelas instituições mundiais. Ainda assim, as vendas externas poderão chegar a 280 mil toneladas. A erradicação da febre aftosa através de vacinação data de 1994 e é um trunfo do país. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e a Organização Mundial do Comércio reconheceram a realidade sanitária do país e concederam-lhe certificação específica em 1997.

Agora, técnicos do governo e empresários da pecuária e frigorificação aguardam ansiosamente o certificado de que o país está livre da doença sem vacinação. A OMC deverá aprovar e liberar o documento no segundo semestre do próximo ano. Se isso ocorrer, estarão abertas novas portas de exportação, bem mais cobiçadas, pois se paga mais pelo produto.

No setor de carnes de aves e suínos, a novidade são as pendengas comerciais de diferentes motivos com o Brasil, seu principal fornecedor externo. Ora os argentinos acusam os brasileiros de prática desleal de *dumping*, ora colocam barreiras sanitárias mediante exigência de certificados. Enfim, essas mazelas não serão acertadas a curto prazo: elas continuarão bem forte ao largo deste ano, de modo a reduzir a entrada de produtos brasileiros.

Concentração e crescimento no setor de laticínios

No conjunto das atividades dos agronegócios da Aregentina, o setor de laticínios está na primeira fila em termos de dinamismo. Desde que a estabilização inflacionária chegou ao país, em 1991, o deslanche na produção de leite e derivados não mais parou. Apenas em 1995, como resultado acidental do efeito tequila – a desvalorização da moeda mexicana –, assistiu-se a uma retração logo recuperada posteriormente.

Na área de exportação, o Brasil é o principal mercado, com participação de 80% no leite em pó e 50% em queijos. Justamente pelo fato de serem os maiores consumidores externos, os brasileiros fazem parte de um grande imbróglio. Primeiro, porque passou-se a exigir a apresentação de licenças prévias, cujo trâmite não é automático e interfere no fluxo do comércio entre os dois países. Esse compromisso burocrático foi interposto diante da suspeita de que a Argentina fazia triangulação com o leite em pó vindo da Nova Zelândia. Em segundo lugar, a desvalorização do real tornou o produto importado mais caro. O efeito conjunto desses dois fatores torna mais complexas as transações e força a queda nas transferências de produtos em 1999.

As estatísticas da Centro da Indústria Leiteira mostram que 35% da produção estão atomizados. Trata-se de dezenas de pequenas empresas que participam com menos de 1% no mercado de captação do leite, mas cuja sobrevivência está sob alto risco. A cada ano cresce a disputa pela aquisição de matéria-prima e as margens de rentabilidade se achatam. As companhias buscam avidamente ganhos de economia de escala e investem pesado.

Nesse cenário de transformação, as estratégias empresariais vão da gramática para a prática. A francesa Danone aporta negócios no país, bem como a Parmalat, após a decisão de comprar da Lactona/Gándara.

Já a Cooperativa Sancor, integrada por 100 cooperativas de Santa Fé, Córdoba, Entre Rios e Buenos Aires e Santiago de Estero, com vendas anuais de US$1 bilhão e exportações de US$100 milhões, alarga seus negócios. Com investimentos de US$200 milhões entre 1995 e 1998, sua capacidade de processamento diário de leite alcança 7 milhões de litros. Paralelamente, acaba de montar *joint-venture* com a dinamarquesa MD Foods para a produção de soros e proteínas funcionais – um insumo utilizado basicamente pela indústria alimentícia.

Sem titubear, a Mastellone & Hermanos, que controla a marca Serenissima, negocia com fundos de investimentos a venda das ações da companhia. Nessa operação a idéia é gerar US$50 milhões, para cumprir investimentos programados de US$80 milhões neste ano: construção de uma fábrica de queijos e a instalação de depósitos, um deles no Brasil.

Por sua vez, o Pérez Companc Family Group continua surpreendendo o mercado pela agressividade e arrojo de seus empreendimentos. Depois de comprar a Molinos Rio de la Plata, ex-filial do grupo Bunge, e adquirir quase um terço das ações da Molfino, de Santa Fé, o grupo acaba de anunciar a aquisição total da empresa La Paulina, de Córdoba, por US$120 milhões. La Paulina e Molinos foram unificadas numa única empresa, com faturamento anual de US$200 milhões.